



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Sociolinguística(s), linguagens e sociedade

Sinop, v. 11, n. 2 (29. ed.), p. 541-554, ago./dez. 2020

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

RESQUÍCIOS DO ANTISSEMITISMO PRESENTE NOS DIAS ATUAIS: análise da visão de dois semitas no norte mato-grossense¹

REMNANTS OF ANTI-SEMITISM PRESENT IN CURRENT DAYS: analysis of two semites' point of view in northern Mato Grosso

Vitória França Albuquerque

RESUMO

O presente artigo tem como objeto de pesquisa mostrar que o antissemitismo é vigente na atualidade a partir das visões de dois judeus situados ao norte mato-grossense. Respalda-se teoricamente em Sobel, Marques e Donatti, dentre outros. Ampara-se nas pesquisas bibliográficas e de campo, tendo entrevistas semiestruturadas como instrumentos para coleta de dados. De acordo com os sujeitos de pesquisa, o preconceito contra os judeus ainda existe nos dias atuais. Assim, preferem manter suas vidas afastadas da sociedade local para evitarem qualquer discriminação. Pode-se inferir que, não se pode discriminar ninguém por sua cultura, religião, etnia, raça ou cor.

Palavras-chave: Antissemitismo. Judeus. Mato Grosso.

ABSTRACT²

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão da disciplina Diversidade e Variação Linguística, ministrada pela Profa. Dra. Neusa Inês Philippsen, no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras (PPGLetras), na Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), *campus* Universitário de Sinop, 2019/2.

² Resumo traduzido por Viviane Gomes Pereira. Graduada em Licenciatura em Letras, Português/Inglês pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), *campus* Universitário de Sinop, 2019.

This present article has as its object of research to show that anti-semitism is in force today of two Jews point of view placed in northern Mato Grosso. It supports theoretically on Sobel, Marques and Donatti, among others. It is based on bibliographic and field research, with semi-structured interviews as instruments for data collection. According to the research subjects, prejudice against Jews still exists today. Thus, they prefer to keep their lives away from the local society to avoid any discrimination. It can be inferred that no one can be discriminated against from their culture, religion, ethnicity, race or color.

Keywords: Anti-semitism. Jews. Mato Grosso.

Correspondência:

Vitória França Albuquerque. Graduação em Licenciatura em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus Sinop/MT. Atualmente é mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGLETRAS). Participa do Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Aplicada e Sociolinguística (GEPLIAS). Sinop, Mato Grosso Brasil. E-mail: vitoriaunemat15@gmail.com

Recebido em: 8 de junho de 2020.

Aprovado em: 30 de agosto de 2020.

Link: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/4034/2810>

1 INTRODUÇÃO

O antissemitismo é a discriminação contra pessoas de origem semita, ou seja, árabes, assírios, judeus etc. e tem sido uma problemática recorrente nos séculos XX e XXI. (MARQUES; DONATTI, 2017). O termo é comumente utilizado para definir o preconceito contra os judeus, tendo-se apresentado de diversas maneiras ao longo da história e causou aos judeus séculos de perseguição.

Nesse sentido, o presente artigo, produzido para a disciplina de Diversidade e Variação Linguística, ministrada no Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado de Mato Grosso, *campus* de Sinop, tem como objetivo mostrar que o antissemitismo é ainda vigente na atualidade a partir das visões de dois judeus situados ao norte de Mato Grosso. Assim, o referencial sociolinguístico pauta-se em Sobel (2014), Marques e Donatti (2017), Wieviorka (2014), dentre outros. Utilizou-se as pesquisas bibliográficas e de campo, como instrumentos para

a coleta de dados, pautados em entrevistas com perguntas semiestruturadas. Os sujeitos de pesquisa foram dois judeus de uma comunidade judaica situada ao norte mato-grossense.

O trabalho traz nos pressupostos teóricos um breve percurso histórico do antissemitismo; na metodologia enfoca os tipos de pesquisas utilizados, o contexto do estudo que se insere, bem como as características dos sujeitos. Na análise de dados, são discutidas as visões dos dois semitas acerca do judaísmo e do antissemitismo.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Esta pesquisa surge a partir da Sociolinguística, uma área da Linguística que trata especificamente das relações entre sociedade e linguagem. (ALKMIM, 2007). Consolidou-se no ano de 1964, em um congresso organizado por William Bright, na Universidade da Califórnia em Los Angeles, com a participação de vários estudiosos.

Inicia-se no século XX como uma disciplina interdisciplinar (BORTONIRICARDO, 2017; ALKMIM 2007). Tem como objeto de estudo “a língua em uso nas comunidades de fala, devolvendo atenção para um tipo de estudo que associa aspectos linguísticos e sociais.” (SILVA; BORTOLOZZO; SILVA, 2017, p. 63).

Assim, a língua pode ser definida como “o instrumento que as pessoas usam para se comunicar com os outros na vida cotidiana”, conforme Labov (2007, p. 2). Ainda nessa perspectiva, Molon e Vianna, (2012, p. 147), apoiados na teoria do Círculo de Bakhtin, definem a língua como “a realização concreta da interação verbal/discursiva, é a matriz geradora da linguagem, é a realidade fundamental da língua”.

Tem seus estudos voltados para o social, ou seja, preocupa-se em analisar o contexto, bem como os diversos âmbitos socioculturais que decorrem a partir dele. Nesse sentido, ressalta-se que o trabalho se insere no viés de pesquisas voltadas para as minorias sociais, em específico, semitas, tendo em vista que fazem parte de um grupo da sociedade que sofre preconceito por sua forma característica de vivenciar suas experiências.

2.1 Breve percurso histórico do antissemitismo

De acordo com Sobel (2014), o antissemitismo é um problema que existe desde muitos anos atrás. Teve suas raízes na antiga Pérsia (onde hoje fica o Irã), quando o Primeiro Ministro chamado Haman, sentindo-se incomodado com a maneira como os judeus viviam, arquitetou um plano, que era extinguir todos os que existiam no Império, sob o argumento de que era um povo disperso, e com tradições e leis diferentes.

Com a queda do Segundo Templo³ pelos romanos no ano 70 d.C., o povo judeu se transformou em diaspórico (SORJ, 2007), isto é, em pequenos grupos judaicos que se espalharam em várias direções pelo mundo.

Para Sorj (2007, p. 98), “A inclusão do ‘anti-semitismo’ na cultura judaica [...] foi incentivada pelas elaborações teológicas do cristianismo e do islã”, ou seja, tiveram grande parcela de contribuição na propagação do antissemitismo, visto que não aceitavam a maneira diferente de viver do povo judeu. Essa instituição representava o poder dominante da civilização ocidental, desse modo, à medida em que o cristianismo se expandiu por toda a Europa, os judeus continuaram com sua forma de agir, divergindo assim do que era considerado padrão.

Nesse sentido, tudo o que vai contra as regras já pré-estabelecidas causa estranhamento e até mesmo incômodo. Os judeus não se curvaram às imposições da Igreja Católica e resistiram quando decidiram continuar com as suas leis e tradições. (SOBEL, 2014).

Dessa forma, o judaísmo era considerado como uma ofensa ao cristianismo, assim, a Igreja defendia piamente a ideia de que os judeus emanavam um odor característico, que sumiria após à conversão ao cristianismo. Além disso, eram vistos pelo resto do povo como culpados pela morte de Jesus (SOBEL, 2014; ROTMAN, 2008), pois, conforme Marques e Donatti (2017), a Igreja os acusou de não reconhecerem Jesus como o profeta, Messias e Deus. Por esse motivo, precisavam de punição, isto é, mereciam o castigo de Deus. Por conseguinte, eram

³ O Segundo Templo foi uma estrutura sagrada que o povo judeu construiu após o regresso para Jerusalém no mesmo local onde o Templo de Salomão existira antes de ser destruído. A destruição desse Templo ocorreu com o intuito de sufocar uma revolta na então Judeia. Jerusalém foi incendiada e, do templo, sobrou apenas o Muro. O general romano Tito, que depois se tornaria imperador, teria deixado a parede de pé para que o povo judeu não se esquecesse de que Roma vencera a guerra — daí viria a expressão Muro das Lamentações.

privados de desfrutar de algumas coisas, tais como: frequentar locais de alto prestígio, possuir terras e ocupar profissões de respeito. Eram barrados de qualquer serviço que tentassem exercer. De acordo com Sobel (2014, p. 90):

[...] o único meio de vida que sobrou aos judeus era o empréstimo a juros – a usura, como era então chamada –, atividade proibida aos cristãos pela Igreja. Ao realizarem operações de empréstimos, os judeus enriqueceram e se tornaram ainda mais malvistas. Devido à escassez de dinheiro, às incertezas inerentes à agricultura e aos grandes riscos do comércio internacional, as taxas de juros eram forçosamente altas, resultando na acusação de que os judeus eram exploradores que “sugavam o sangue cristão”.

Essa foi a única opção da qual os judeus dispunham, assim, enriqueceram de forma significativa com os juros dos empréstimos, o que despertou ainda mais a indignação na Igreja Católica. Conseqüentemente, passaram a ser mais excluídos ainda da sociedade.

Já em 1200, a Igreja Católica legitimou normas oficiais de segregação, sob as quais ruas e bairros para judeus foram criados. Além disso, os judeus passaram a ser obrigados a usarem vestimentas que os identificassem e os caracterizassem como tais, especificamente um “chapéu pontudo vermelho ou amarelo ou um distintivo amarelo junto à roupa”. (SOBEL, 2014, p. 91). Essa imposição acabou por servir de modelo para os nazistas no século XX, em um dos momentos mais marcantes da História: “o holocausto, a mais chocante manifestação de antissemitismo na história da humanidade” (SOBEL, 2014, p. 91), além do mais foi “com certeza, o principal evento ao redor do qual a identidade judaica contemporânea se construiu, particularmente na diáspora”. (SOBEL, 2007, p. 112).

No que diz respeito à identidade do povo judeu, é possível dizer que há uma fragmentação (BAUMAN, 2005; HALL, 2004), tendo em vista que por intermédio da interação com outras identidades os sujeitos modificam-se a si mesmos, isto é, sua cultura, sua tradição, etc. Assim, não existe mais uma identidade fixa, mas sim identidades multifacetadas e descentradas, pois se constituem historicamente e culturalmente.

Após a tragédia do holocausto, algumas mobilizações começaram a surgir para que esse posicionamento negativo, ou melhor, preconceito em relação aos judeus fosse superado, como, por exemplo: a mudança de todos os ensinamentos

da Igreja pelo Concílio do Vaticano, em 1965. Desse modo, houve uma remodelação nos currículos dos seminários, a fim de tentar mudar a forma como os cristãos enxergavam os judeus, isto é, a Igreja passou a repudiar qualquer manifestação de antissemitismo.

Outro movimento foi a criação da Comissão Nacional de Diálogo Religioso Católico-Judaico, em 1981, com o intuito de estreitar os laços entre esses grupos. Assim, nas novas gerações de jovens eram depositadas esperanças da diminuição ou exclusão do preconceito contra judeus.

Marques e Donatti (2017) apontam o etnocentrismo e o fundamentalismo religioso como dois fatores indispensáveis quando se procura uma melhor compreensão acerca da problemática do antissemitismo, visto que têm responsabilidade pela fragilização e fragmentação do povo judeu.

Assim, o primeiro fator tem contribuído para o surgimento e fortalecimento de vários preconceitos, dentre eles o religioso e o cultural. Em um mundo globalizado, prevalece a ideia de que a cultura ocidental é superior em alguns critérios, e, conseqüentemente, os povos de cultura diferente deveriam ser contestados ao não assumirem essa cultura.

Já o segundo, diz respeito a colocar a sua religião como a única incontestável e absoluta, não admitindo assim outros preceitos. De uma forma ou de outra isso acaba criando uma situação de discriminação, preconceito e intolerância religiosa (SILVA; RIBEIRO, 2007).

O mundo passou por transformações de todos os tipos, só não as pessoas que não seguiram essas mudanças. Assim, é possível afirmar que o antissemitismo deixou profundas marcas nos judeus, já que ainda hoje há resquícios de perseguição.

É antigo o sentimento de aversão ao que é diferente, no caso em tela, aos judeus, pois era e ainda são um povo que tem uma forma peculiar de viver, obedecem às tradições, como, por exemplo: leis alimentares, abate de animais, o ritual de circuncisão e etc. Nesse sentido, a História tem mostrado que o preconceito religioso, o triunfalismo ideológico e a discriminação étnica são as maiores barreiras para o progresso humano.

2.2 Procedimentos metodológicos

Esse trabalho ampara-se nas pesquisas bibliográficas e de campo. De acordo com Gil (2002, p. 45), “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”.

Já a pesquisa de campo, diz respeito a uma outra opção que o pesquisador pode utilizar para coletar dados (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009). Assim, utilizou-se a entrevista como instrumento para a coleta de dados, pois é uma “[...] técnica de interação social, uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca obter dados, e a outra se apresenta como fonte de informação. [...]”. (GERHARDT *et al.*, 2009, p. 72).

As perguntas foram semiestruturadas, isto é, questões em que de acordo com Gerhardt *et al.* (2009, p. 72):

[...] pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal.

Os sujeitos foram 2 do sexo masculino residentes em Colíder, uma cidade localizada ao norte de Mato Grosso. A seguir apresenta-se a tabela com a apresentação dos sujeitos suas respectivas idades, o grau de escolaridade e a cidade em que residem.

Tabela 1 – Informações sobre os sujeitos de pesquisa

SUJEITO	SEXO	IDADE	CIDADE	ESCOLARIDADE
SSM1 ⁴	Masculino	38 anos	Colíder	Ensino Fundamental Incompleto
SSM2	Masculino	18 anos	Colíder	Ensino Médio Incompleto

Fonte: Acervo particular (2019)

⁴ Leia-se: S. Sujeito; S. Semita; M. Masculino.

2.2.1 Cidade da pesquisa

Colíder é um município do estado de Mato Grosso com cerca de 32.928 mil habitantes. De acordo com o censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2017, sua base econômica é a pecuária intensiva, dividindo espaço com culturas diversas nos minifúndios, comércio e extrativismo mineral.

Está localizada a 650 km de Cuiabá, tendo como seus primeiros habitantes os povos indígenas da etnia Kayabi, segundo Marques e Donatti (2017).

A cidade surgiu na década de 1970 graças aos incentivos fiscais e projetos do Governo Federal. Assim, a criação do patrimônio, então denominado de Cafezal, ocorreu em 07 de maio de 1973. Já em 1974, quase toda a Gleba Cafezal já havia sido ocupada. O povoado cresceu, passando a chamar-se Colíder, nome resultante da utilização das iniciais das palavras Colonizadora Líder (Co+líder), empresa privada responsável pela colonização da cidade.

A partir dessa política de expansão, ocupação e povoamento, o fluxo migratório intensificou-se e levou, para Colíder, mais migrantes oriundos de Maringá-PR e também da região sul-paranaense, principalmente a partir da década de 1990.

Em 18 de Dezembro de 1979, através da Lei Estadual nº. 4.158, foi criado o município de Colíder, que se tornou famoso devido à produção agropecuária e também aos garimpos nas décadas de 80 a 90; passando pelo processo de extração de madeiras e, por conseguinte, à pecuária e à industrialização através de frigoríficos e curtume, atividades do comércio e prestação de serviços.

Novas construções, comerciais e industriais, assim como a implantação de hidrelétricas e a edificação de empresas de outros segmentos têm contribuído para um processo migratório ainda maior. Dessa forma, diferentes culturas propiciaram à hibridização de pessoas, costumes e regionalidades. Em meio a essa cultura heterogênea está uma comunidade judaica (Cristológica de Israel) existente há 22 anos, que aprendeu a superar os obstáculos do preconceito para efetivar a sua permanência e o fortalecimento de sua identidade. (MARQUES; DONATTI, 2017).

3 ANÁLISE DE DADOS: a visão dos dois semitas acerca do judaísmo e do antissemitismo

O SSM1 tem 38 anos, ensino fundamental incompleto, e é dono de uma propriedade rural situada em Colíder. Morou em Rondônia, depois em Terra Nova e, em seguida, em Colíder, local em que reside com a família até hoje.

O SSM2 tem 18 anos, ensino médio incompleto, e não deu muitas informações no que concerne ao local onde trabalha.

Ao serem solicitados para relatarem um pouco sobre sua descendência, as falas dos sujeitos foram praticamente iguais. Assim, o excerto abaixo da entrevista com o SSM1 apresenta uma riqueza em detalhes:

(01) SSM1: Na verdade, a **nossa descendência ela é um pouco complicada**. Na época de **Hitler** foi feito o **Holocausto**, escapou minha bisavó e aí casou com um alemão na época, que foi quando eles saíram na imigração da Alemanha para o Brasil. E por isso hoje **nós somos meio, mestiço, nós somos judeus-alemães**. E, na imigração, **vieram para o Brasil**, vieram aqui pra **Nova Venécia, Espírito Santo**. E ali começou a jornada de 6 irmãos e 1 irmã, que foi meus bisavós, que eles vieram pra cá, são tudo da mesma família, **foi 6 Taulffer que entraram no Brasil** e hoje tá essa família nossa aí, imensa hoje, esparramada. 3 vieram para o rumo do Mato Grosso e os outros foram pro Estado de São Paulo, foram para o Rio Grande do Sul, que hoje o Rio Grande do Sul tem muito Taulffer também, que são de origem alemão e judeu.

Quando o SSM1 fala que hoje os judeus são um povo mestiço, isto é, de descendência metade judia e metade alemã, pode-se afirmar que houve uma fragmentação de identidade (BAUMAN, 2005; HALL, 2004) desse povo, diante de tanta perseguição. Assim, foi preciso mudar-se para outros países em busca de um lugar em que pudesse estabelecer-se. Isso provocou mudanças nos sujeitos, tendo em vista que o contato com outras identidades contribui para modificações na cultura e na forma de viver de um povo, pois as identidades não são mais fixas, são multifacetadas e descentradas, haja vista que se constituem historicamente e culturalmente.

Para os informantes, o judaísmo não é uma religião (ROTMAN, 2008), mas sim uma nação, um estilo de vida. Afirmam que os judeus guardam e seguem à risca

até hoje os mandamentos que Moisés recebeu do Eterno, no Monte Sinai, seguem seus costumes, a Lei, juízo, preceitos.

(02) SSM1: A questão do judaísmo na verdade ela não é uma religião. É uma nação. Então, tipo, o que se prega dentro de Israel, toda Sinagoga esparramada no mundo inteiro, **guarda aqueles mandamentos que são os que Moisés recebeu do Eterno no Monte Sinai, e até hoje o povo judeu segue assim à risca, todo assim, seus costumes, a Lei, juízo, preceitos.**

(03) SSM2: Religião não é. O judaísmo ele é uma nação, um estilo de vida. O judaísmo é totalmente diferente, você pode ver que, no catolicismo são 10 mandamentos, **no judaísmo são 613, são 613 artigos da Lei, então tem muita diferença, o judaísmo vai abranger várias coisas, festa das cabanas, várias coisas abrangentes ao judaísmo [...].**

O SSM1 acredita que sempre existirão as 12 tribos de Israel, que hoje estão espalhadas pelo mundo inteiro, sendo 2 dentro de Israel e as outras 10 estão dispersas por outros países, tais como: Estados Unidos, Polônia, Brasil e etc. Um dia todas essas tribos se encontrarão novamente e marcharão rumo à Israel, para juntar novamente o povo judeu nessas 12 tribos.

Quando perguntados se já haviam sofrido algum preconceito por serem descendentes de judeus, o SSM1 afirma que não considera que tenha sofrido algo do tipo, mas que já foi criticado por algumas pessoas, que disseram que os judeus não creem em Jesus, que são falsos profetas, ou que são Judas, no sentido pejorativo. O informante discorre que as pessoas cometem esse equívoco por desconhecerem a história verdadeira, pois os judeus acreditam que Judas foi um herói, que existiu uma profecia e teve que trair Jesus para que se cumprisse a predição. Pode-se perceber por meio das informações trazidas pelo sujeito que a crítica que lhe fizeram devido a sua descendência é o mesmo que preconceito, tendo em vista os julgamentos generalizados e sem dados objetivos acerca de um acontecimento do qual muitas pessoas desconhecem.

Já o SSM2, afirma que já sofreu preconceito por sua origem, e que há ainda uma perseguição, que ninguém gosta de judeu, por causa do estilo de vida, pois “[...]”

“você nunca vai ver um judeu se misturando com outras pessoas [...]”. (SSM2, 2019). Relata isso não com o intuito de dizer que não querem ter contato com pessoas com culturas ou religiões diferentes de sua comunidade, mas que o fato de os judeus serem mais reservados é característico do estilo de vida dessa comunidade. Abaixo traz-se um excerto em que o informante descreve uma situação em que seus primos sofreram preconceito:

(04) SSM2: Houve sim várias vezes, **por exemplo na escola, quando eu estudava, os meus primos... tem um Nazirato, que é um voto feito que a criança não pode cortar o cabelo**, então essa criança, nossa, ela tem o cabelo muito grande. **Então qualquer lugar que ela chega as pessoas vão olhar para ela diferente**, já não vou olhar de outro jeito, por que ela é diferente, não é a mesma pessoa. A gente usa o quipá⁵ (puxar rodapé), as mulheres o lenço. Então os costumes são diferentes. (SSM2, 2019).

Essa situação vivenciada por esses meninos na escola, não foi uma brincadeira de criança, mas sim uma manifestação de antissemitismo, visto que, de acordo com Wieviorka (2014, p. 21):

O ódio aos judeus não é apenas uma opinião, é o fundamento de práticas de exclusão, de discriminação, de segregação e de violência. Antes mesmo que se possa falar de antissemitismo propriamente dito, ele assume formas criminais.

Sorj (2008, p. 04) afirma que “o Brasil é uma sociedade com baixos níveis de discursos ou práticas anti-semitas”, pautando-se nos argumentos de relatos de imigrantes veiculados pela mídia. No entanto, o autor fez a discussão sobre esse aspecto há 11 anos, assim, não dialoga com os acontecimentos vivenciados atualmente. Desse modo, os sujeitos dessa pesquisa trazem dados de que ainda há o preconceito contra ao que se mostra diferente dos moldes socioculturais tradicionais, no caso em tela contra judeus.

O SSM1 mostra-se um indivíduo empoderado sobre seu estilo de vida. Desse modo, afirma que não está preocupado se as pessoas têm ou não preconceito

⁵ Uma quipá é o chapéu, boina, touca ou outra peça de vestuário utilizada pelos judeus do sexo masculino tanto como símbolo da religião como símbolo de temor a Deus.

contra os judeus. Suas falas, assim como também evidenciam Marques e Donatti (2017), Sobel (2014), e outros autores discutidos na seção de pressupostos teóricos, mostram que os judeus, não por opção, mas por imposição, optam por viverem/vivem em exclusão. Assim, isso se refletiu na forma como organizariam seu modo de viver, um dos aspectos foi terem seus próprios negócios para não precisarem se submeter a um trabalho no qual o patrão não respeitaria suas tradições, conforme se pode ver no excerto abaixo:

(05) SSM6: [...] a gente é mais na nossa, por isso que hoje o povo judeu já vive em comunidades separadas. **E cada judeu já tem seu próprio negócio para não precisar mesmo nem de trabalhar para os outros. Igual eu, tenho minha própria empresa, então eu não dependo de trabalhar para ninguém**, as minhas regras, a minha lei, os meus costumes eu faço, então eu não devo satisfação para patrão, **então eu mesmo sou meu patrão, então eu não tenho que submeter a nenhum tipo de comentário.**

Em sua fala final, o SSM1, fez questão de afirmar que sente orgulho em servir ao seu Deus, e que é uma honra ser judeu. Enfatiza que crê piamente no Messias, tendo em vista a afirmação de algumas pessoas de que os judeus não acreditam em Jesus. Yeshua Hamashia, como ele prefere chamar Jesus, é um profeta esperado pelo povo judeu para reger todas as nações da terra.

A partir dos dados expostos, é possível verificar que o antissemitismo deixou resquícios ao longo do tempo, persistindo até a atualidade. A preferência da comunidade judaica em se manter distante da sociedade local é apenas uma forma de se proteger de quaisquer situações antissemitas, visto que são conhecedores das perseguições e preconceitos que seus antepassados sofreram.

Pontua-se também que, apesar das muitas transformações por que o mundo passou, muitos indivíduos ainda mantêm certos comportamentos preconceituosos em relação ao que é diferente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados expostos é possível verificar que o antissemitismo é uma problemática que deve ser discutida com mais veemência, tendo em vista que permanece viva nos dias atuais.

De acordo com os sujeitos de pesquisa, o preconceito contra os judeus ainda existe. Assim, preferem manter suas vidas afastadas da sociedade local, possuindo, inclusive, seu próprio negócio para evitar que sofram qualquer discriminação.

O modo singular de vida dos sujeitos demonstra, de certo modo, que, embora seja uma opção deles mesmos em viverem mais afastados, é também uma forma de se protegerem dos preconceitos que existem contra o povo judeu.

Ao mesmo tempo em que fazem parte de uma comunidade fechada, se mostraram muito receptivos em discorrerem sobre sua forma de viver, mostraram-se solícitos e convidativos para que a pesquisadora fosse conhecer o novo Templo que está sendo construído.

Por fim, conclui-se que não se pode discriminar ninguém por sua cultura, religião, etnia, raça ou cor. Nesse sentido, a História tem mostrado que o preconceito religioso, o triunfalismo ideológico e a discriminação étnica são as maiores barreiras para o progresso humano (SOBEL, 2014).

REFERÊNCIAS

ALKMIM, Tania Maria. Sociolinguística: 1 Parte. *In*: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina (org.). **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras. v. 1, 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

BAUMAN, Z. **Identidade**: uma entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2005.

GERHARDT, Tatiana Engel *et al.* Unidade 4 - Estrutura do projeto de pesquisa. *In*: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HALL, Stuart. **Identidade e cultura na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2004.

MARQUES, Maria José Basso; DONATTI, Romeu. Aversão aos que são “diferentes”, barreira a ser transposta: relato de um judeu no norte de Mato Grosso.

Web - Revista Sociodialeto, v. 8, n. 22, p. 115-129, abr./jul. 2017. Disponível em: <http://sociodialeto.com.br/index.php/sociodialeto/login?source=%2Findex.php%2Fsociodialeto%2Farticle%2Fview%2F77>. Acesso em: 05 dez. 2019.

O GLOBO. **Entenda a origem do Muro das Lamentações em Jerusalém**. 23/07/2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/entenda-origem-do-muro-das-lamentacoes-em-jerusalem-22911414>. Acesso em: 05 jun. 2020.

QUIPÁ. **Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa On-line Michaelis**, 05 jun. 2020. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/e3ZMP/quip%C3%A1-2/>. Acesso em: 05 jun. 2020.

ROTMAN, Flávio. **Redenção: os judeus são um povo, uma nação**. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2008.

SILVA, Rodrigo de Santa; BORTOLOZZO, Rodrigues de Souza; SILVA, Giseli Veronêz da. A língua e suas nuances: estudo das variações linguísticas no contexto da música zaluzejo. **Cadernos de Linguística: pesquisa em movimento**, v. 7, jun. 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/34583061/A_L%C3%8DNGUA_E_SUAS_NUANCES_ESTUDO_DAS_VARIA%C3%87%C3%95ES_LINGU%C3%8DSTICAS_NO_CONTEXTO_DA_M%C3%9ASICA_ZALUZEJO. Acesso: 05 jun. 2020.

SILVA, Clemildo Anacleto da; RIBEIRO Maria Bueno. **Intolerância religiosa e direitos humanos: mapeamentos de intolerância**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

SILVEIRA; Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. Unidade 2 - A pesquisa Científica. *In*: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SOBEL, Henry I. Antissemitismo: a raiz da intolerância. *In*: PINSKY, Jaime (org.). **As 12 faces do preconceito**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

SORJ, Bernardo. Sociabilidade brasileira e identidade judaica: as origens de uma cultura não anti-semita. *In*: SORJ, Bila (org.). **Identidades judaicas no Brasil Contemporâneo** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. 109 p. ISBN: 978-85-9966-260-1. 2008. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/h9ypr/pdf/sorj-9788599662601.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2019.

SORJ, Bila. Anti-semitismo na Europa hoje. **Novos Estudos**, nov. 2007, p. 97-115.

WIEVIORKA, Michel. **Antissemitismo explicado aos jovens**. Tradução Joel Guivelder. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014.